

Um júri que promete alta competência

O nome, o prestígio e a técnica são elementos chaves na composição do júri que vai decidir sobre todos os filmes

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Não há dúvida. Este é o melhor júri já montado pelo Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Se não foi escalado nenhum crítico — o que pode ser intencional para não "prejudicar" o concorrente do "segundo escrutínio", *Matou a Família e Foi ao Cinema* —, em compensação, sentarão à mesa os craques Nelson Pereira dos Santos e Walter Lima Jr., imbatíveis na categoria "diretores"; o fotógrafo e diretor de arte, Adrian Cooper (outro craque); o músico Jacques Morelbaum, da fina flor da música sinfônica e popular; e Alcione Araújo, um dramaturgo que vem conquistando respeito por seu trabalho como roteirista de cinema.

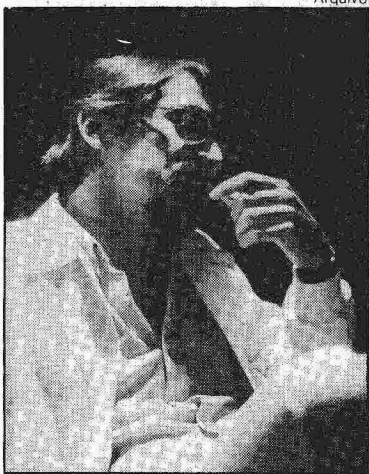
Dependendo de confirmação — há, ainda, duas vagas — estão as presenças de Giulia Gam e Cláudio Khans. Com estes sete nomes, Brasília cumprirá, pela primeira vez, máxima ("mais vale ser preterido por um júri qualificado, que premiado por um júri desprestigiado") cunhada, em 1989, pelo cineasta Geraldo Moraes. Geraldo queria ver o júri do Festival brasileiro presidido por Gabriel Garcia Marquez, Octávio Paz, Vargas Llosa ou Gutierrez Alea. Nenhuma destas estrelas hispano-americanas desembarcará em Brasília. Mesmo assim, o time brasileiro escalado é de primeira. Resta ver se resistirá às pressões visíveis na primeira fase do Festival, quando decisão da Comissão de Seleção foi — pela primeira vez em 27 anos de história do evento — alterada.

Confiram a biografia dos jurados que já confirmaram presença:

Nelson Pereira dos Santos — 62 anos, paulista. Viveu em Niterói e no Rio a mais larga parte de sua vida. Autor de vários curtas (inclusive *Fala Brasília*, realizado com alunos da UnB), foi assistente de direção de Rodolfo Nanni (em *O Saci*) e de Alex Vianny (em *Agulha no Palheiro*). Estreou no longametrage com *Rio 40 Graus*, obra seminal que marcou profundamente a geração *cinemanovista*. O *Cinema Novo* o teve como precursor e membro ativo: Se não bastasse, foi produtor do filme que lançou o neo-realismo *cinemanovista* em São Paulo — *O Grande Momento*, de Roberto Santos (1957). Em 1964, junto com Glauber Rocha (*Deus e o*



Nelson Pereira, virtual presidente do júri também é uma das estrelas do Pólo de Cinema



Walter Lima Júnior



Adrian Cooper



Alcione Araújo

Diabo) e Ruý Guerra (*Os Fuzis*) levou o *Cinema Novo* ao seu momento máximo, com o seco e denso *Vidas Secas*. George Sadoul, frente à proposta inovadora dos *cinemanovistas*, cunhou a célebre expressão *Estética da Fome*. Vinte anos depois de *Vidas Secas*, Nelson voltou para valer ao universo de Graciliano Ramos, com *Memórias do Cárcere*. Recorrera ao autor, em 80, no injustificado e ainda hoje inédito *Insônia*. O cineasta realizou, em quase cinco décadas de cinema, apenas 15 longas. O décimo-sexto está engatilhado e deve ser feito em Brasília, Rio e Amazônia. Trata-se de recriação cinematográfica de *A Terceira Margem do Rio*, de Guimarães Rosa. O filme, ao que tudo indica, será um dos primeiros frutos do Pólo de Cinema e Vídeo do DF.

Walter Lima Jr. — 52 anos, fluminense. É um dos mais respeitados diretores do *Cinema Novo*, em-

bora no início de sua carreira tenha atuado mais na produção e assistência de direção (em *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de seu cunhado Glauber Rocha). Walter era casado com Anecy Rocha). Seu primeiro longa só foi realizado em 1965: o cativante *Menino de Engenho*. Depois, embarcou na Tropicália com o estranho *Brasil Ano 2000* (68). Em 70, dirigiu o pouco conhecido *Na Boca da Noite*. Seu filme mais famoso e estimado pelos cinéfilos lhe consumiu quatro anos de montagem/desmonta: *A Lira do Delírio* (73 a 77). Em 78 realizou *Joana Angélica*, para a TV. O projeto se frustrou e o filme permanece inédito, ainda hoje. Outra frustração (a TV alemã, produtora do filme, tirou o corpo fora) atrasou *Chico Rey* (de 79 a 85). Em 82, seduziu o grande público com o poético e telúrico *Inocência*. Quase repetiu a façanha com *Ele*, o *Boto* (86). Recentemente, dirigiu para a TV Globo a minissérie *Meu Ma-*

rido. Sua experiência televisiva é enorme. Assinou muitos *Globo Repórter* e, na Bandeirantes, a minissérie *Capitães da Areia*, baseada em Jorge Amado (que acaba de ser vendida para a TV alemã). Sua produção documental (em película) já lhe rendeu muitos prêmios. Em *Cima da Terra*, *Embaixo do Céu*, ganhou o *Tatu de Ouro*, na Jornada de Cinema da Bahia e a *Margarida de Prata*, da CNBB. Entre os fãs confesos do cineasta figura o crítico paulista Inácio Araújo, que costuma torcer o nariz para as aventuras cinematográfico-sociais dos *ex-cinemanovistas*.

Adrian Cooper — 45 anos, inglês (nascido em Devon e radicado em São Paulo, desde 1975). Fotógrafo e montador, ele chegou ao Brasil para, na Unicamp, trabalhar com o sociólogo Paulo Sérgio Pinheiro num projeto acadêmico que se propunha a reconstituir a *Histó-*

ria e *Memória da Industrialização Brasileira*. Outro fotógrafo, Lauro Escorel, estava integrado ao projeto. O financiamento acabou e só mais tarde os frutos apareceram. Escorel realizou o documentário *Libertários* (no ano seguinte) e Cooper só conseguiu concluir seu pungente *Chapeleiros* em 1985. Com o fim do projeto da Unicamp, Adrian Cooper centrou fogo na realização de filmes e vídeos para emissoras de TV européias. Em 1980 participou com seis outros sócios da fundação da Tatu Filmes, produtora que gerou longas como *Janete*, de Chico Botelho, e uma dezena de curtas, a maioria premiada na Jornada de Cinema da Bahia. Em 79, iniciou, com Leon Hirszman, o documentário *ABC da Greve*. Em 87, Leon morreu inesperadamente (aos 49 anos). Por empenho de Augusto Calil, da Cinemateca Brasileira, as 25 horas filmadas no ABC paulista, no auge das greves metalúrgicas, foram transformadas num filme de 80 minutos. Coube a Adrian Cooper finalizá-lo. Afinal, ele fora o fotógrafo e montador da versão inacabada. Além deste longa, Adrian foi diretor de arte em *Marvada Carne*, *O Judeu* e *Sonho Sem Fim*. Fotografou *O País dos Tenentes* e *Beijo 2348/72*. Este último, aliás, lhe rendeu o Kikito de "melhor fotografia" em Gramado/90.

Alcione Araújo — 45 anos, dramaturgo, roteirista e ator. Ano passado participou do Festival de Brasília como concorrente ao Troféu Candango de "melhor coadjuvante", por seu trabalho em *Mais Que a Terra*, de Eliseu Ewald (filme que também roteirizou). Em Gramado/84, recebeu o Kikito pelo "melhor roteiro" (do filme *Nunca Fomos Tão Felizes*, de Murilo Salles). É co-roteirista de *Patriamada*, de Tisuka Yamazaki. E vê chegar, finalmente, às telas, sua peça teatral mais famosa: *Vagas para Moças de Fino Trato*. O diretor mineiro (como Alcione) Paulo Thiago filma em Vitória do Espírito Santo esta estória de moças que vivem, numa pensão, seus anseios, sonhos e angústias. Alcione trabalhou com Thiago na roteirização de *Jorge, um Brasileiro*, romance de Oswaldo França Jr. Para teatro, além de *Vagas para Moças de Fino Trato*, escreveu *Sob Nebolina Use Luz Baixa*, *Doce Deleite*, *Comunhão de Bens* e *Em Nome do Pai*, que estréia em agosto, sob direção de Rubens Corrêa, com José de Abreu e Felipe Martins no elenco. Além de textos para *Quarta Noite*, na Globo, Alcione assinará a próxima novela das sete, na Manchete — *O Contestado* (com estréia no dia 11 de novembro) e é responsável pela idéia original de *Amazônia*, de Jorge Duran, a novela que vai substituir *Ana Raio e Zé Trovão*.

